

## Jane e Cole

Era uma cidade atormentada por uma meteorologia cinzenta, as pessoas que lá faziam vida pouco ou nada conheciam do sol, e, quando este ganhava força para penetrar toda aquela massa de nuvens, transformava todos aqueles fantasmas que atravessavam a rua em pontos vermelhos.

Cole nasceu nesta cidade e foi criado por ela, frio e calculista como todos os outros nascidos e criados por lá, sem relações e sem prazer.

A sua infância passou a correr, sem memórias bonitas, vivia praticamente sozinho, os seus pais viviam para o trabalho, Cole mal os via. Aos onze anos, enquanto olhava pela janela do seu quarto, apercebeu-se de que já não se lembrava do nome deles, todavia não se preocupava, já que sabia que os seus pais há muito se tinham esquecido do dele.

Um dia, enquanto Cole analisava as manchas de bolor que se alastravam pelo teto do seu quarto, como uma doença, os seus pais entraram de rompante, algo extremamente raro, e o pobre rapaz estático, na sua cama de solteiro cinzenta, tentava esboçar alguma emoção, coisa que nunca fora capaz de fazer, não sabia se formava um sorriso, ou se baixava os olhos em jeito de tristeza, no final, todo este raciocínio emocional acabou num ar de surpreendido, quando percebeu que os pais traziam uma criança embrulhada num lenço preto carvão, que em tempos fora branco.

Ninguém cruzou olhares, a sua mãe aproximava-se devagar, ouvia-se a voz queixosa do chão em madeira, que ia sendo esmagado a cada passo seu, por fim, chegou perto da cama cinzenta, Cole sentia a sua respiração asmática, ela delicadamente pousou a criança, e, de seguida, colocou a sua mão suada no ombro de Cole, ele sentia-se nervoso, não estava de todo habituado ao toque, ao afeto, esperava ansiosamente que os seus pais desaparecessem do seu campo de visão, esperava para voltar às suas reflexões, só ele e as paredes amareladas do seu quarto. E assim foi, os seus pais, em passo rápido e sem formar nenhuma palavra, abandonaram o quarto, e deixaram espaço para as reflexões de Cole, que agora incluíam uma criança da qual o rapaz nada sabia, poderia ser sua irmã, ou uma completa desconhecida.

O rapaz, que aos poucos se tornava homem, não crescia sozinho, Jane, nome que Cole se encarregou de dar, crescia a olhos vistos, ao contrário de Cole, estava sempre com um sorriso contagiante e pronta para ter conversas que duravam horas, tudo isto o levava a pensar que não seriam irmãos, nada tinham em comum, mas ele sentia que tinha a responsabilidade de a proteger, de conservar o seu coração doce, que contrastava com a cidade escura que se fazia ver da janela.

Mais uma vez os anos passavam, e Cole, com o ensino obrigatório terminado, precisava de decidir o que iria seguir no ensino superior, desenvolveu um gosto pela investigação, enquanto lia a Jane os mais complexos crimes retratados nos livros de Agatha Christie, lembrava-se perfeitamente da sensação de lhe ler um livro, os dois deitados na cama, ela encostava-se a ele, algo que Cole temia,

no entanto, sabia que não a podia afastar, porque ela dependia dele, e era a sua responsabilidade protegê-la do mundo, sabia que ela era frágil e que qualquer movimento brusco a deixaria vulnerável ao terror do mundo onde viviam, sabia que esse terror a deixaria doente e a transformaria num ser asqueroso como os que viviam naquela cidade, como os seus pais, como ele mesmo, então deixava que ela se abraçasse a ele e assim ficavam até que o peso do sono obrigasse os olhos a fechar até a manhã seguinte.

Cole com vinte e cinco anos acabava a sua formação em investigação forense e tornava-se um detetive privado, na sua formatura apenas Jane apareceu, nunca conseguiu criar uma relação com alguém sem ser ela, já Jane fizera imensos amigos ao longo da sua vida, muitas vezes levava pessoas para casa, algo que Cole odiava, logo fechava-se no quarto e afogava-se em trabalho, algo que havia sido o pecado dos seus pais, e desta forma a relação de Jane e Cole tornava-se mais distante.

O homem que nunca sentira algo por alguém, que nunca fora capaz de sorrir, sentia-se mais sozinho do que nunca, a sua silhueta ia desaparecendo sobre o progressivo amontoamento de *dossiers* de trabalho, ansiava voltar a perder-se nos olhos verde-esmeralda da menina que criara, Jane não dava sinais de vida há mais de quinze dias. Cole desesperado levantou-se da cadeira que o segurava, e gritou por Jane, o eco da sua voz percorria as paredes que estremeciam assustadas, a velha casa respondia com um silêncio agudo que magoava Cole. Saiu do seu quarto e entrou na divisão mais próxima, o quarto dos seus pais, não os via há tempo suficiente para se esquecer das suas caras, eram uma mancha negra nas suas memórias ainda mais negras.

Enquanto explorava aquela sala da qual nada sabia, encontrava um velho revólver, com um gesto simples removia o pó que se acumulava há anos, agachou-se devagar, os joelhos rangiam, “Falta de óleo” pensava ele, por fim, sentou-se. Aproximava o revólver devagar da sua cabeça vazia, desprovida de pensamentos, o ferro frio queimava a sua têmpora, já com o dedo sobre o gatilho, surgia na porta o seu anjo da guarda, com toda a calma do mundo, a menina de olhos verdes aproximava-se de um homem num estado deplorável, ele sentia o seu perfume hipnotizante, que permitia ao seu coração sobressaltado encontrar alguma calma, ela sentava-se ao seu lado, ele, sem força, deixava-se cair nos seus braços, Jane com uma voz harmoniosa começava a ler um livro de Agatha Christie e, assim, Cole percebia que, se havia razão para sobreviver num mundo que abominava, que o torturava sem dó, era ela.

Pseudónimo:

Ensino secundário